

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 32, p. 1-26, jan.-dez. 2025 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p>https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.46954</p>	

SEÇÃO: JORNALISMO

D. Manuel II em Espanha (1909): a cobertura iconográfica da revista *Ilustração Portuguesa*

D. Manuel II in Spain (1909): the iconographic coverage of the magazine Ilustração Portuguesa

D. Manuel II en España (1909): la cobertura iconográfica de la revista Ilustração Portuguesa

Jorge Pedro Sousa¹

orcid.org/0000-0003-0814-6779
jpsousa@ufp.edu.pt

Denise Guimarães-Guedes²

orcid.org/0000-0003-3040-6741
guimaraesguedes@unesp.br

Recebido em: 9 out. 2024.

Aprovado em: 16 dez. 2024.

Publicado em: 26 mar. 2025.

Resumo: D. Manuel II, último rei de Portugal, visitou Espanha, em novembro de 1909. Esta pesquisa analisa a narrativa que a revista ilustrada semanal *Ilustração Portuguesa* construiu do acontecimento, com ênfase no discurso iconográfico, por meio de uma metodologia qualiquantitativa. Concluiu-se que a cobertura fotográfica assentou em uma narrativa que acompanhou o desenvolvimento do acontecimento, mas também valorizou a imagem dos soberanos dos dois países ibéricos, sustentando, simbolicamente, o *statu quo* monárquico em Portugal e Espanha, e celebrou, na tradução visual da amizade entre os dois reis ibéricos, a afeição entre portugueses e espanhóis. O discurso verbal, além de reforçar as ideias sugeridas pelo texto visual, assumiu uma dimensão metajornalística, o que se interpretou quer como uma atitude pedagógica para com o público, quer como uma posição valorativa da própria revista.

Palavras-chave: D. Alfonso XIII; D. Manuel II; visita de Estado a Espanha (1909); cobertura fotojornalística; *Ilustração Portuguesa*.

Abstract: The Portuguese king, Manuel II, officially visited Spain, in November 1909. This research analyzes the narrative that the weekly illustrated magazine *Ilustração Portuguesa* constructed of the event, with an emphasis on the iconographic discourse, using a qualitative and quantitative methodology. It was concluded that the photographic coverage was based on a narrative that followed the development of the event, but also valued the image of the sovereigns of the two Iberian countries, symbolically sustaining the monarchical *statu quo* in Portugal and Spain, and celebrated the affection between the Portuguese and the Spanish peoples in the visual translation of the friendship between the two Iberian kings. The verbal discourse, as well as reinforcing the ideas suggested by the visual text, took on a meta-journalistic dimension, which was interpreted either as a pedagogical attitude towards the public and as an evaluative position of the magazine itself.

Keywords: D. Alfonso XIII; D. Manuel II; state visit to Spain (1909); photojournalistic coverage; *Ilustração Portuguesa*.

Resumen: El rey portugués Manuel II realizó una visita oficial a España en noviembre de 1909. Esta investigación analiza la narrativa que la revista ilustrada *Ilustração Portuguesa* construyó del acontecimiento, con énfasis en el discurso iconográfico, utilizando una metodología cualitativa y cuantitativa. Se concluye que la cobertura fotográfica se basó en una narrativa que acompañó el desarrollo del acontecimiento, pero también valorizó la imagen de los soberanos de los dos países ibéricos, sosteniendo simbólicamente el *statu quo* monárquico en Portugal y España, y celebró, en la traducción visual de la amistad entre los dos reyes ibéricos, el afecto entre portugueses y españoles. El discurso verbal, además de reforzar las ideas sugeridas por el texto visual, adquirió una dimensión metaperiodística, lo que se interpretó como una actitud pedagógica



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal; ICNOVA – Instituto de Comunicação da NOVA, NOVA-FCSH, Lisboa, Portugal.

² Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauri, SP, Brasil.

hacia el público y como una posición valorativa de la propia revista.

Palabras clave: D. Alfonso XIII; D. Manuel II; visita de Estado a España (1909); cobertura fotoperiodística; *Ilustração Portuguesa*.

Introdução

D. Manuel II visitou, oficialmente, Espanha, em novembro de 1909. Foi a primeira visita de Estado ao estrangeiro do curto reinado do último monarca português. O rei partiu de Lisboa a 7 de novembro de 1909, um domingo, às 16 horas. Viajou de comboio. Chegou à estação do Norte,³ em Madrid, às 11h30 de segunda-feira, dia 8. A visita de Estado durou até ao dia 12. O ministro dos Negócios Estrangeiros e outras individualidades acompanharam o monarca.⁴ Na comitiva viajou, também, o mais conceituado foto-repórter português ao tempo, Joshua Benoliel,⁵ enviado especial da revista *Ilustração Portuguesa*. Na sequência, o rei visitou, ainda, Inglaterra e França.⁶ Depois do regicídio de fevereiro de 1908, o ambiente político, em Portugal, era tenso, devido à agitação republicana e às divisões e intrigas entre os monárquicos (Marques, 1973, 1995; Ramos, 2001; Serrão, 2003; Fernandes, 2008; Ramos, coord.; Sousa; Monteiro, 2009; Nunes, 2006, 2009, 2019a, 2019b; Sardica, 2011, 2012). A visita de Estado de D. Manuel II a Espanha pode ser lida, assim, como uma tentativa de obter o apoio da maior potência ibérica à Monarquia Portuguesa, longe do espírito que presidiu à visita a França, cuja cobertura já foi analisada (Sousa; Guimarães-Guedes, 2023).

O acontecimento foi notado e notável, pois envolveu os chefes de Estado dos dois países ibéricos e desenvolveu-se em um intervalo de tempo específico. Também foi delimitável no

tempo e próximo. Constituiu, portanto, um facto social notável e foi percebido como uma singularidade notória com valor noticioso, considerando os aportes de Adriano Duarte Rodrigues (1988) e de Adelmo Genro Filho (2012) à teorização do acontecimento e da notícia e de autores como Galtung e Ruge (1965), precursores, Wolf (1987), Golding e Elliott (1988) e Traquina (2002) ao estudo da noticiabilidade.

Apesar da visita de estado de D. Manuel II a Espanha não ter sido um *fait divers*, dadas as questões políticas envolvidas, não se encontraram outras pesquisas sobre a cobertura jornalística do acontecimento, apesar de, ao tempo, a imprensa ser já o principal dispositivo informativo da sociedade portuguesa, particularmente nas grandes cidades (Lima, 2012, 2022; Matos, 2017; Sousa, 2021; Matos; Moreira, 2022). Também não se detetou qualquer estudo sobre a cobertura iconográfica do acontecimento, lacuna que a presente investigação pretende suprir. No entanto, ao tempo, o fotojornalismo era já uma actividade consolidada como prática e como ofício (Sousa, 2000, 2017, 2020; Vieira, 2009), pela acção de fotógrafos como, no caso português, Joshua Benoliel, que cobriu, fotograficamente, o acontecimento.⁷ É de realçar que Joshua Benoliel acompanhou o rei desde Lisboa e teve acesso aos lugares em que os eventos relatados tiveram lugar. A sua produção fotojornalística pode, assim, ser encarada como uma fonte histórica (Oliveira, 1997).

À época, as revistas ilustradas informativas eram o principal dispositivo de circulação da fotografia jornalística e documental à escala da sociedade (Proença; Manique, 1990; Serén, 2004; Sousa, 2000, 2017, 2020). Sendo o propósito da pesquisa analisar a cobertura iconográfica da

³ Atualmente, centro de transportes do Príncipe Pio.

⁴ "A viagem do chefe de Estado às cortes de Espanha e de Inglaterra". *Ilustração Portuguesa*, 15 de novembro de 1909, p. 616-622.

⁵ Joshua Benoliel (1873-1932) é considerado o primeiro fotojornalista profissional português e o pioneiro da fotorreportagem em Portugal. Trabalhou para várias publicações, mas distinguiu-se como colaborador do jornal *O Século* e da sua revista *Ilustração Portuguesa*, entre 1906 e 1918 e a partir de 1924, já como editor de Fotografia do jornal (chefe dos Serviços Fotográficos). Estima-se que tenha produzido cerca de 2600 reportagens fotográficas e 25 mil fotografias para a *Ilustração Portuguesa*. A sua primeira reportagem fotográfica terá sido publicada em *O Tiro Civil*, em 1898. Algumas das suas fotos encontram-se reunidas na obra *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa*, prefaciada pelo jornalista Rocha Martins.

⁶ Este artigo faz parte de uma pesquisa conjunta sobre as visitas de D. Manuel II ao Porto e a França, Espanha e Inglaterra. A cobertura iconográfica da visita real a França foi particularizada em artigo precedente que segue a mesma metodologia, tem o mesmo enquadramento histórico e proporcionou conclusões semelhantes (Sousa; Guimarães-Guedes, 2023).

⁷ A autoria das fotografias é referida nas revistas ilustradas.

visita de D. Manuel II a Espanha pela imprensa portuguesa,⁸ mas havendo várias revistas ilustradas de informação geral portuguesas que se podem inserir nessa categoria,⁹ escolheu-se, para este estudo, a mais relevante em periodicidade, tiragem e circulação – a revista semanal *Ilustração Portuguesa*.¹⁰ A *Ilustração Portuguesa* foi, aliás, a única revista ilustrada nacional que teve a iniciativa de enviar um foto-repórter para acompanhar o rei e cobrir, fotograficamente, o acontecimento, pelo que a sua cobertura da visita de Estado de D. Manuel II a Madrid e Toledo é mais extensa do que aquela que foi feita pelas restantes publicações nacionais do mesmo género.¹¹

A questão inicial que motivou a investigação e delimita o objectivo geral da mesma foi, assim, a seguinte: qual foi a narrativa iconográfica – contando, contextualmente, com o texto verbal correlacionado – que a *Ilustração Portuguesa* construiu sobre a visita de D. Manuel II a Espanha?

Determinaram-se os seguintes objetivos específicos para a pesquisa, em articulação com o objectivo geral:

a) determinar a estrutura temática da narrativa iconográfica sobre a visita de Estado de D. Manuel II a Espanha construída pela *Ilustração Portuguesa*;

b) identificar os recursos expressivo-simbólicos usados pela revista para produzir sentido sobre o episódio histórico;

c) explicitar as propostas de geração de significado e os enquadramentos sugeridos pela *Ilustração Portuguesa* para o acontecimento, tendo em conta a articulação entre a iconografia e o texto verbal, o que se conhece do contexto da época e que o regime narrativo operativo da imagem fotojornalística permite simular a participação em um acontecimento recriado e representado pelas fotografias, tendo uma função testemunhal “pela qual a função da representação é a de instaurar uma espécie de vicariedade da experiência visual” (Picado, 2009, p. 41); e

d) deduzir qual seria o conceito de cobertura fotográfica à época do acontecimento.

A investigação apresenta uma matriz hipotético-dedutiva, baseando-se em uma análise descritiva e qualiquantitativa do discurso verbal e visual sobre a visita real de D. Manuel II a Espanha na revista *Ilustração Portuguesa*. Leram-se, integralmente, os números de 15 a 29 de Novembro de 1909 da revista, para detecção das matérias

⁸ A imprensa ilustrada espanhola também cobriu o acontecimento. Por exemplo, a revista ilustrada *Actualidades*, de Madrid, inicia no número de 10 de novembro de 1909 a cobertura iconográfica da visita de D. Manuel II à capital de Espanha, com a fotografia do soberano português (retrato da autoria de Benoliel) a merecer honras de primeira página e fotografias de contexto da vida privada do rei, tal como fez a *Ilustração Portuguesa*, sendo também inseridas duas fotos alusivas à chegada a Madrid e subsequente desfile. No número de 17 de novembro, a reportagem alude à visita de D. Manuel II a Toledo, à caçada na Casa de Campo e à recepção na embaixada de Portugal, com quatro fotografias de fotógrafos espanhóis, em abordagem muito semelhante à da *Ilustração Portuguesa* (os fotógrafos tinham acesso aos espaços onde estavam os soberanos). A revista *La Actualidad*, de Barcelona, reporta o acontecimento no seu número de 16 de novembro, dando-lhe a dupla página central (oito fotografias de diversos instantes do acontecimento, semelhantes às da *Ilustração Portuguesa*).

⁹ Ao tempo, três revistas ilustradas circulavam em Portugal: *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e Estrangeiro* (1878-1915); *Brasil-Portugal* (1899-1914) e *Ilustração Portuguesa* (1903-1923). Só a revista *Ilustração Portuguesa* era semanal. A revista *Brasil-Portugal* era quinzenal. Foi fundada pelo político e militar Augusto de Castilho e optou, desde o início, pela fotografia como meio principal para a cobertura iconográfica da atualidade (Sousa, 2017, 2021). Já a revista *Ocidente*, a mais antiga das três, foi fundada pelo gravurista Caetano Alberto da Silva e associados. À data da visita real a Madrid, era trimestral. Embora se distinguisse pela sua matriz cultural, a atualidade teve, nela, um espaço crescente, sendo notória a intensificação da cobertura gráfica da atualidade por meio fotografias, que foram substituindo as gravuras, após 1903, devido à concorrência da *Ilustração Portuguesa* (Sousa, 2017, 2021).

¹⁰ No número de 13 de julho de 1908 (p. 41-51), a *Ilustração Portuguesa* publicou um texto no qual anunciava que a tiragem ascendia a 24400 exemplares. Foi essa revista a consagrar o fotojornalismo em Portugal, graças ao contributo de Joshua Benoliel, o primeiro foto-repórter português profissionalizado. A sua sede encontrava-se em Lisboa e pertencia a um grupo jornalístico, o do diário *O Século*, que, embora independente e organizado industrialmente, tinha nascido com uma matriz ideológica republicana, que não renegava (Sousa, 2017, 2021).

¹¹ *O Ocidente* refere-se à “viagem de S. M. el-rei D. Manuel II ao estrangeiro”, pela primeira vez, no número de 10 de novembro de 1909, inserindo retratos formais dos membros da comitiva real. Prosseguiu no número de 20 de novembro do mesmo ano, com o relato da visita a Madrid, acompanhado de quatro fotos, de autoria indeterminada, uma delas fotografada por Pires Marinho, um conhecido fotógrafo e fotografo estabelecido em Lisboa. A revista *Brasil-Portugal*, por seu turno, refere-se à visita de Estado, pela primeira vez, no número de 16 de novembro de 1909, designando-a “maior dos serviços” prestados por D. Manuel II a Portugal, depois do regicídio de 1908, que tinha colocado o país em uma “situação melindrosa”. O relato é acompanhado, nesse número, por um desenho fotografado e 21 fotografias, das quais só duas não são retratos das individualidades envolvidas. A 1 de dezembro, a revista volta ao assunto, só aí publicando quatro fotografias de ação da visita do soberano português a Madrid, repetindo temas e abordagens da *Ilustração Portuguesa* (sendo que estas quatro imagens serão, inclusivamente, da autoria de Benoliel).

que versassem o tema. A vertente qualitativa da análise cruzou a noticiabilidade (Galtung; Ruge, 1965; Wolf, 1987; Golding; Elliott, 1988; Traquina, 2002) e os elementos de geração de sentido para a imagem fotográfica (Barthes, 1961, 1964, 1966, 1992) com os enquadramentos sugeridos pelo discurso (Goffman, 1974; Gitlin, 1980; Gamson; Modigliani, 1987; Gamson, 1989; Fowler, 1994; Entman; Matthes; Pellicano, 2009; Orgad, 2012). Considerou-se, ainda, que uma imagem fotográfica pode ser analisada em três níveis, conforme sugeriu Erwin Panofsky para a obra de arte (1939, 1955): um primeiro nível *descritivo* (o que a imagem é, o seu tema ou assunto); um segundo nível *iconográfico* (o que a imagem simboliza, considerando o conhecimento cultural do observador sobre o tema ou assunto); e um terceiro nível *iconológico* (que, partindo dos dois outros níveis, encara a imagem como um produto de um entorno histórico-cultural e da vivência e intencionalidade do seu autor).

A análise quantitativa do discurso baseou-se, por sua vez, na contabilização das imagens referentes ao acontecimento por categorias definidas *a priori*, considerando o tipo e o tema das imagens, conforme a proposta de Wimmer e Dominick (1996, p. 174-191). Os dados recolhidos foram interpretados à luz desses referentes teóricos e do que se conhece sobre o contexto histórico coevo.

1 A cobertura da *Ilustração Portuguesa*

A primeira matéria alusiva à visita de Estado de D. Manuel II foi publicada no miolo do número de 15 de novembro de 1909 da *Ilustração Portuguesa*, oito dias depois do início da viagem, ocupando sete páginas (páginas 616 a 622), nas quais a fotografia domina. O título, descritivo e neutro, chama a atenção para o carácter formal da viagem real: "A viagem do chefe do Estado às cortes de Espanha e de Inglaterra". Repare-se que apesar de a revista acentuar o carácter formal e

protocolar da viagem real, ao vincar que D. Manuel II era o chefe do Estado, também situa o evento no espaço cortesão.

O texto verbal da matéria, além de noticiar a viagem e de enumerar os indivíduos que acompanhavam o monarca português, enquadra-a como uma retribuição da visita de D. Alfonso XIII a D. Manuel II, ocorrida em fevereiro de 1909. O rei de Espanha ter-se-ia, inclusivamente, antecipado às práticas usuais da diplomacia: "Sai pela primeira vez dos seus estados o soberano português e, como é da praxe, a sua primeira visita é à nação vizinha, cujo monarca, antecipando-se às ordenações da pragmática, visitara ... o Sr. D. Manuel II".¹² São realçadas as "manifestações de simpatia" dispensadas ao rei de Portugal pelos madrilenos, situando-as, no entanto, não no domínio individual, mas sim como testemunho "da cordialidade de relações que existem entre os dois povos da península".¹³

O tema é trazido à primeira página da *Ilustração Portuguesa* somente no número de 22 de novembro de 1909, o que dificilmente é explicável pela teoria da noticiabilidade, que levaria a prever que uma visita de Estado e o protagonismo dos dois chefes de Estado ibéricos seria o tema principal em todas as edições da revista que se referem ao acontecimento. A fotografia dos dois soberanos a cavalo tem por legenda neutra "A viagem régia". No interior da revista, ocupando catorze páginas (páginas 649 a 662), todas dominadas por fotografias, aparece a matéria intitulada, também com neutralidade, "O rei de Portugal em Madrid". O texto verbal (excluindo as legendas) incide, inicialmente, sobre as circunstâncias da cobertura, tentando, pedagogicamente, esclarecer o leitor sobre o papel de uma revista semanal de informação geral:

Ainda que com as demoras inevitáveis em uma publicação semanal e sem cuidar em substituir-se à imprensa diária na divulgação dos acontecimentos, a *Ilustração Portuguesa* continua registando os numerosos documentos fotográficos que ... J. Benoliel todos os

¹² "A viagem do chefe do Estado às cortes de Espanha e de Inglaterra". *Ilustração Portuguesa*, 15 de novembro de 1909, p. 616. Opta-se, doravante, pela referência em notas de rodapé, e não autor-data, para facilitar a leitura do texto e evitar confusões entre fontes e bibliografia.

¹³ "A viagem do chefe do Estado às cortes de Espanha e de Inglaterra". *Ilustração Portuguesa*, 15 de novembro de 1909, p. 616.

dias lhe envia, referentes à viagem de el-rei D. Manuel. Assim, os principais episódios desta viagem às cortes de Madrid e de Londres e à capital de França ficarão detalhadamente documentadas, embora a este propósito ... tenhamos de sacrificar, por vezes, essa condição essencial do êxito jornalístico que se chama a oportunidade.¹⁴

O texto não apenas dá público testemunho do trabalho fotojornalístico diligente e quotidiano de Joshua Benoliel, que acompanhou o monarca, mas também alude às consequências da inobservância do critério de valor-notícia da atualidade por parte das publicações jornalísticas semanais, justificando-se com a partição do trabalho jornalístico entre os semanários e os diários. No entanto, curiosamente, a revista autocritica-se, estabelecendo que a cobertura iconográfica dos acontecimentos não seria "jornalismo na verdadeira aceção da palavra".¹⁵ A *Ilustração Portuguesa* indica que estaria "apenas documentando pela fotografia as notícias já divulgadas pelo serviço telegráfico da imprensa diária".¹⁶ Ou seja, o conceito de fotojornalismo ainda não estava suficientemente estabilizado para que os jornalistas coevos o integrassem, claramente, no campo jornalístico, embora o redator reconhecesse que a revista publicava uma "reportagem fotográfica".¹⁷ (grifo nosso). O resto do texto narra, complementando as fotografias, aspetos da visita: a chegada a Madrid, a visita ao museu do Prado, a revista às tropas (o rei português foi nomeado coronel honorário do regimento de Castela, tendo encabeçado as tropas em parada e batido continência protocolar perante D. Alfonso XIII), o almoço na embaixada de Portugal, no qual se enumeram as personalidades presentes, para destacar a importância do evento, e uma caçada na Casa de Campo.

A terceira matéria referente à visita de Estado de D. Manuel II a Espanha foi publicada no número de 29 de novembro de 1909 da *Ilustração Portuguesa*, abrindo as páginas interiores (páginas 673

a 681). Intitulou-se, neutralmente, "A viagem real – El-rei D. Manuel em Toledo". Ocupa nove páginas, quase integralmente ocupadas com fotografias, complementadas por pequenas legendas. Mais uma vez, o redator da *Ilustração Portuguesa* abriu a matéria com uma referência metajornalística ao trabalho de Joshua Benoliel, tornado uma espécie de protagonista involuntário da cobertura, e não com a visita propriamente dita:

Prosseguindo na publicação dos interessantes documentos fotográficos que o seu correspondente especial J. Benoliel lhe está enviando, relativos à viagem oficial do chefe do Estado às cortes de Madrid e de Londres, a *Ilustração Portuguesa* não hesita em sacrificar ao minucioso registo dos acontecimentos a rapidez de informação, que necessariamente exigiria resumos importantes na numerosa documentação fotográfica que nos esforçamos por oferecer aos nossos leitores.¹⁸

A matéria segue com a narração cronológica, modelo comum de estrutura narrativa, da visita dos reis de Portugal e de Espanha a Toledo. Realça a revista as diferentes personalidades dos soberanos, reconhecendo as "inclinações artísticas" de D. Manuel II e as "inclinações militares" de D. Alfonso XIII, mas, no final, o redator volta ao discurso metajornalístico para se lamentar da "exiguidade do espaço" concedida à "reportagem fotográfica", que "tantos títulos merecia".¹⁹

Também inserida no número de 29 de novembro de 1909 da *Ilustração Portuguesa*, a derradeira matéria evocativa da visita de Estado de D. Manuel II a Espanha intitula-se, neutralmente, "A visita ao Escorial". Ocupa duas páginas (páginas 682 e 683) e é, igualmente, dominada por imagens fotográficas. Além de descrever o edifício e de explicar as vicissitudes e os motivos da sua construção, a narrativa coroa-se com uma nova e enfática referência à amizade entre os dois soberanos, que trocaram "brindes afetuosos", despedindo-se D. Manuel II de Madrid com um passeio de automóvel pelo Prado, partindo no

¹⁴ "O rei de Portugal em Madrid". *Ilustração Portuguesa*, 22 de novembro de 1909, p. 649-652.

¹⁵ "O rei de Portugal em Madrid". *Ilustração Portuguesa*, 22 de novembro de 1909, p. 652-653.

¹⁶ "O rei de Portugal em Madrid". *Ilustração Portuguesa*, 22 de novembro de 1909, p. 652.

¹⁷ "O rei de Portugal em Madrid". *Ilustração Portuguesa*, 22 de novembro de 1909, p. 654.

¹⁸ "A viagem real. El-rei D. Manuel em Toledo". *Ilustração Portuguesa*, 29 de novembro de 1909, p. 673.

¹⁹ "A viagem real. El-rei D. Manuel em Toledo". *Ilustração Portuguesa*, 29 de novembro de 1909, p. 681.

dia 12 de novembro, à noite.²⁰

A narrativa iconográfica sobre a visita de Estado de D. Manuel II a Madrid é constituída por 105 fotografias, paginadas em 32 páginas, repartidas por quatro matérias. Entre as imagens contabilizadas, há algumas atípicas e laterais à narrativa, nomeadamente uma fotografia que reproduz uma pintura de retrato de corpo inteiro de D. Filipe II de Portugal, que foi rei de Portugal e de Espanha; uma outra de uma pintura que representa este soberano no exterior do Escorial; e um retrato do rei inglês, Eduardo VII. A maioria das fotos é da autoria comprovada ou provável de Joshua Benoliel (93 fotografias, 89% do total), enviado especial da *Ilustração Portuguesa*. A narrativa também incorpora fotografias de Augusto Bobone²¹ (duas fotos, 2%), Carlos Vasques²² (duas fotos, 2%) e Walter Barnett²³ (uma foto, 1% do total). Há sete imagens cuja autoria não foi possível atribuir.

A relevância do contributo fotográfico de

Joshua Benoliel para a narrativa iconográfica da visita de Estado testemunha a diligência e denodo com que este fotojornalista desenvolvia o seu trabalho e também a sua competência fotográfica, dado que fotografar, ao tempo, era um gesto que implicava um grande domínio sobre a câmara, muita cautela e mesmo alguma capacidade física (as câmaras eram pesadas e o suporte eram chapas de vidro). A sua presença seria acarinhada pelos soberanos dos dois países ibéricos, já que Benoliel teve acesso aos locais emblemáticos da visita real. As fotografias dos restantes fotógrafos são, possivelmente, imagens de arquivo, recuperadas pela *Ilustração Portuguesa* para complementar a cobertura em aspetos que Benoliel não pôde suprir.

Quanto à tipologia fotográfica, a narrativa iconográfica da visita de Estado de D. Manuel II a Espanha estrutura-se ao redor de quatro núcleos, descritos no Quadro 1.

Quadro 1 – Repartição das fotografias de acordo com a tipologia fotográfica

Categoria (tipo)	Descrição	N.º	%
Retrato	Imagens que se centram na representação iconográfica dos protagonistas, das quais das quais 17 são retratos individuais, correspondendo a cerca de 16% do total de imagens, e 8 coletivos, atingindo 8% do total de imagens. Nesta categoria codificaram-se três imagens atípicas e laterais à narrativa propriamente dita: uma fotografia do rei de Inglaterra, que aparece na peça dedicada à visita real a Espanha (que se prolongaria pelo Reino Unido); uma fotografia que reproduz uma pintura de retrato de D. Filipe I de Portugal (1578-1621, rei de Espanha e Portugal) e outra fotografia que reproduz uma pintura deste soberano com outros súditos no exterior do Escorial ²⁴).	25	24
Ação	Fotografias que testemunham os aspetos ativos do acontecimento, dotando-o de narratividade cronológica.	63	60
Paisagens e edificado	Fotografias que documentam os espaços onde o acontecimento se desenvolveu.	16	15
Fait divers	Imagens inusitadas de aspetos secundários ao acontecimento propriamente dito.	1	1

Fonte: Os autores (2024).

Sessenta por cento das fotografias da narrativa iconográfica sobre a visita de D. Manuel II a Madrid pertencem à categoria *fotografias de ação*. Essas fotografias estruturam a narrativa e

dão-lhe consistência cronológica, representando *a marcha do tempo que resulta do trabalho de edição*, que pode não corresponder à cronologia do acontecimento. Conforme Barthes (1961)

²⁰ "A visita ao Escorial". *Ilustração Portuguesa*, 29 de novembro de 1909, p. 683.

²¹ Pintor e fotógrafo multipremiado, Augusto Bobone (1852-1910) foi fotógrafo oficial da Casa Real portuguesa, nos últimos anos da Monarquia Constitucional, e da Casa Real espanhola. Estudou na Academia de Belas Artes de Lisboa, tendo ficado com o Atelier Fillon, estúdio de fotografia, por herança.

²² Carlos Vasques, fotógrafo lisboeta, era proprietário da Foto Vasques, fundada, em 1901, por Manuel Henriques Baptista e por ele próprio, com a designação de Baptista & Vasques. Henrique Baptista faleceu em 1902, tendo Carlos Vasques ficado com a totalidade da propriedade.

²³ H. Walter Barnett (1862-1934) foi um fotógrafo e cineasta australiano que se distinguiu como retratista.

salientou, a justaposição de imagens é um dos elementos da sintaxe fotográfica, concorrendo, portanto, para a geração de sentido para a narrativa da viagem real.

Por sua vez, os retratos, 24% das fotografias, facultam a observação detalhada dos protagonistas da ação, nomeadamente os reis de Espanha e de Portugal, sós ou rodeados de outras personalidades de ambos os países.

Já as fotografias de paisagens e do edificado (15%) facultam ao observador contemplar as representações dos espaços onde o acontecimento ocorreu. A única fotografia (1%) classificada como *fait divers* é marginal à narrativa fotográfica e mostra a atuação de um repórter cinematográfico, tornando evidentes os laços de camaradagem entre os profissionais da cobertura visual da

atualidade. A sua inclusão na narrativa terá tido somente por objetivo ampliar as perspetivas de leitura dos diferentes aspetos do acontecimento por parte do observador e satisfazer a sua curiosidade. Satisfazer a curiosidade visual do leitor sobre os acontecimentos que não presenciava ou os espaços que nunca ou dificilmente contemplaria na realidade, em um tempo em que viajar – especialmente para fora do país – era manifestamente incomum, constituía, tal como hoje, certamente, constitui, um dos objetivos do recurso às imagens informativas no jornalismo.

Para se codificarem, tematicamente, as fotografias da narrativa iconográfica da visita de Estado de D. Manuel II a Espanha, em novembro de 1909, definiram-se as categorias descritas no Quadro 2.

Quadro 2 – Repartição das fotografias por tema

Categoria (tema)	Descrição	N.º	%
Retratos individuais ou coletivos com os soberanos ibéricos em evidência	Imagens que se centram na representação iconográfica dos dois soberanos, sós ou um com o outro, e imagens nas quais os soberanos ibéricos são figuras centrais de retratos coletivos em que aparecem outras personagens. Nesta categoria codificaram-se duas imagens laterais à narrativa da visita real a Espanha: uma fotografia que reproduz uma pintura de retrato de D. Filipe I de Portugal (1578-1621, rei de Espanha e Portugal, portanto soberano dos dois países), e uma fotografia que reproduz uma pintura de D. Filipe I de Portugal com súbditos no exterior do Escorial ²⁵ .	13	12
Retratos de outras personagens da narrativa	Fotografias de retrato de outras personagens da narrativa iconográfica. Nesta categoria codificou-se uma imagem lateral à narrativa: uma fotografia do rei de Inglaterra, que aparece numa das peças dedicadas à visita real (que se prolongaria pelo Reino Unido).	12	11
Atividades da visita de Estado	Fotografias que testemunham os diferentes segmentos que compuseram a visita de estado de D. Manuel II a Espanha e que constituem a totalidade das fotografias classificadas tipologicamente como sendo fotografias de ação (chegada de D. Manuel II a Madrid, recepção na embaixada de Portugal, desfiles e outras atividades e cerimónias de cunho militar com a presença dos soberanos de Portugal e de Espanha, visitas culturais ao Prado e Escorial, entretenimento dos soberanos – caçada na Casa de Campo, visita de D. Manuel II à fábrica de canhões e à Academia Militar de Toledo).	63	60
Paisagens e edificado	Fotografias que documentam os espaços onde o acontecimento se desenvolveu, designadamente aspetos de Toledo e do Escorial.	16	15
<i>Fait divers</i>	Imagens inusitadas de aspetos secundários ao acontecimento propriamente dito, no caso, uma fotografia de um cinematografista em atuação.	1	1

Fonte: Os autores (2024).

Uma narrativa é a expressão material de um ato narrativo. Na sua base está a apresentação de uma série de eventos conectados, em um espaço e tempo específicos e determinados, no

qual intervêm personagens que, normalmente, interagem entre si. Uma narrativa fotográfica obedece aos mesmos parâmetros caracterizadores. Os dados quantitativos documentam,

precisamente, que a narrativa iconográfica, exclusivamente fotográfica,²⁴ da visita de Estado de D. Manuel II a Espanha, é constituída por fotografias de retrato (como na Figura 5), que destacam os personagens da narrativa; por fotografias de ação (por exemplo, as sequências das Figuras 3 e 6), em torno das quais se estrutura a narrativa propriamente dita, estabelecendo simbolicamente, do início ao fim, as interações entre as personagens ao longo do tempo e a cronologia de eventos que compõem o acontecimento; e ainda por fotografias de paisagens e edifícios (com fotos de interiores e exteriores), que dão a dimensão espacial ao acontecimento narrado iconograficamente.

A narrativa visual da visita de Estado de D. Manuel II a Madrid construiu-se, pois, pela apresentação simbólica e significante de uma série de instantes de ocorrências tidas por relevantes, cronologicamente ordenadas, nas quais determinadas personagens, com destaque para os soberanos ibéricos, interagiram, em um espaço e tempo determinados. Centrou-se, assim, nos aspectos ativos da visita de Estado, em concreto nas diferentes ações segmentadas que compuseram o acontecimento, categoria que perfaz 60% das fotografias, sendo de assinalar, ainda, os retratos, quer os que colocam em evidência os soberanos ibéricos (12% das fotos), protagonistas da ação, quer os que se reportam a outros personagens (11% das fotos).

Vários fatores terão contribuído para esse resultado:

a) a *ação pessoal* de Joshua Benoliel, o fotógrafo que acompanhou D. Manuel II a Madrid. A maioria das fotografias da narrativa são, primeiramente, o resultado do seu *olhar fotográfico*, materializado em *escolhas* de planos e abordagem fotográfica. Acompanhando o chefe de Estado português, Benoliel cobriu, atentamente, a visita real. Foi-lhe permitido

entrar nos espaços reservados onde os soberanos ibéricos, protagonistas do acontecimento, se cruzaram, e fotografá-los, quer individualmente, quer em retratos coletivos, nalguns dos quais os personagens da narrativa, verdadeiros *atores sociais*, posam para a câmara, mesmo quando o fazem candidamente. No entanto, a narrativa do acontecimento materializada na *Ilustração Portuguesa* teve o contributo de vários autores – fotógrafos e redactor. Eles foram os *narradores*. Aliás, o arranjo autoral final da reportagem é, provavelmente, de Carlos Malheiro Dias,²⁵ ao tempo diretor e editor da *Ilustração Portuguesa*;

b) o *fator tecnológico*, já que, em 1909, a tecnologia fotográfica (maneabilidade e portabilidade das câmaras, luminosidade das objetivas, sensibilidade do suporte, dispositivos de iluminação no interior, designadamente *flash* de magnésio) já permitia a cobertura de instantes de ação, quer em espaços exteriores, quer em espaços interiores; e

c) a *ação pessoal* do editor, que agregou outras imagens – provavelmente, entre as quais, fotografias de arquivo – à produção de Benoliel, para ampliar e aprofundar as perspetivas narratológicas e corresponder à curiosidade expectável dos leitores.

A predominância, na narrativa iconográfica, de fotografias das diferentes atividades em que se desdobrou a visita de Estado (60% das fotos), a que se pode soma a fotografia de *fait divers* (1% das fotos), que também traduz, visualmente, um instantecaptado no decurso dessas ações, ainda que lateral ao acontecimento, resulta de estas imagens integrarem em uma reportagem fotográfica de um acontecimento diversificado nos momentos que o compuseram, que se desenvolveu ao longo de vários dias e que constituiu o motivo da cobertura. As fotografias de ação

²⁴ Há, no entanto, duas fotografias de pinturas.

²⁵ Carlos Malheiro Dias (1875-1941) foi jornalista, escritor, político e historiador. Começou a sua carreira jornalística, sempre pautada pelo trabalho em revistas ilustradas de informação geral, no Rio de Janeiro. Em Portugal, dirigiu a revista *Ilustração Portuguesa* e o semanário *Domingo Ilustrado*. Colaborou noutras revistas, como a *Branco e Negro*, a *Brasil-Portugal* e a *Serões*. No Brasil, país ao qual regressou após a imposição da República Portuguesa, fundou e dirigiu a célebre revista *O Cruzeiro*, durante muitos anos palco principal do fotojornalismo brasileiro.

dão, ademais, *intensidade e força* à narrativa iconográfica do acontecimento.

A opção por uma narrativa fotográfica extensa e cronológica, que deu, acumulativa e sucessivamente, conta de vários instantes do que se passou, permitiu à fotografia cumprir o seu papel de documentar e testemunhar, global e visualmente, o acontecimento e de saciar a curiosidade do leitor e as suas expectativas informativas no que respeita ao acompanhamento da viagem real. Seria essa o tipo de narração que o leitor coevo esperaria e não uma abordagem centrada em uma única e significativa fotografia do acontecimento, que Henri Cartier-Bresson veio a chamar de "instante decisivo". Além disso, as limitações tecnológicas que ainda subsistiam no início do século XX e as rotinas e cultura profissional dos

fotoperiodistas também promoviam abordagens fotográficas narrativas para os acontecimentos notáveis e noticiáveis da atualidade (Sousa, 2000; 2017, 2020).

Os valores-notícia (Galtung; Ruge, 1965; Wolf, 1987; Golding; Elliott, 1988; Traquina, 2002) contribuem para explicar, por sua vez, o destaque dado, por meio de fotografias de retrato, que, no seu conjunto, perfazem 24% das imagens da reportagem, aos indivíduos que protagonizaram a visita de Estado, com destaque para os dois soberanos ibéricos (12% das fotos de retrato colocam-nos em evidência), personagens de elite centrais ao acontecimento. Os retratos sinalizam e identificam os protagonistas da história ao olhar do leitor, familiarizando este com as figuras daqueles, e adicionam *interesse humano* à narrativa.

Figura 1 – Chegada de D. Manuel II a Madrid

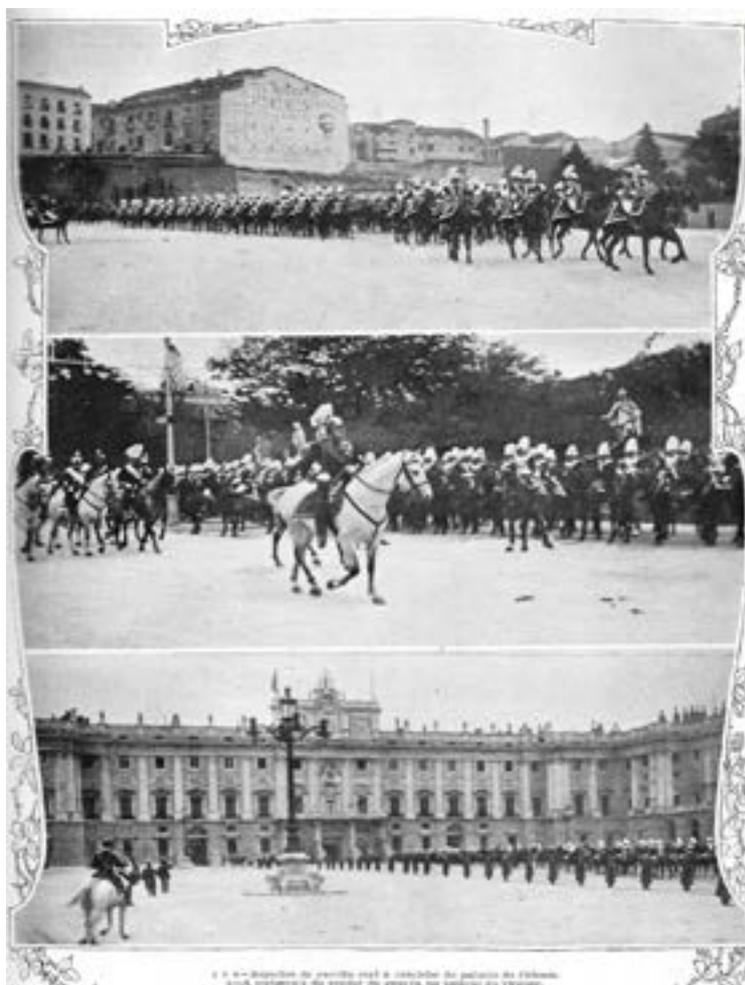


Figura 2 – D. Alfonso XIII e D. Manuel II assistem ao desfile da guarda de honra



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 15 de novembro de 1909, p. 620.

Figura 3 – Sequência do desfile até o palácio real



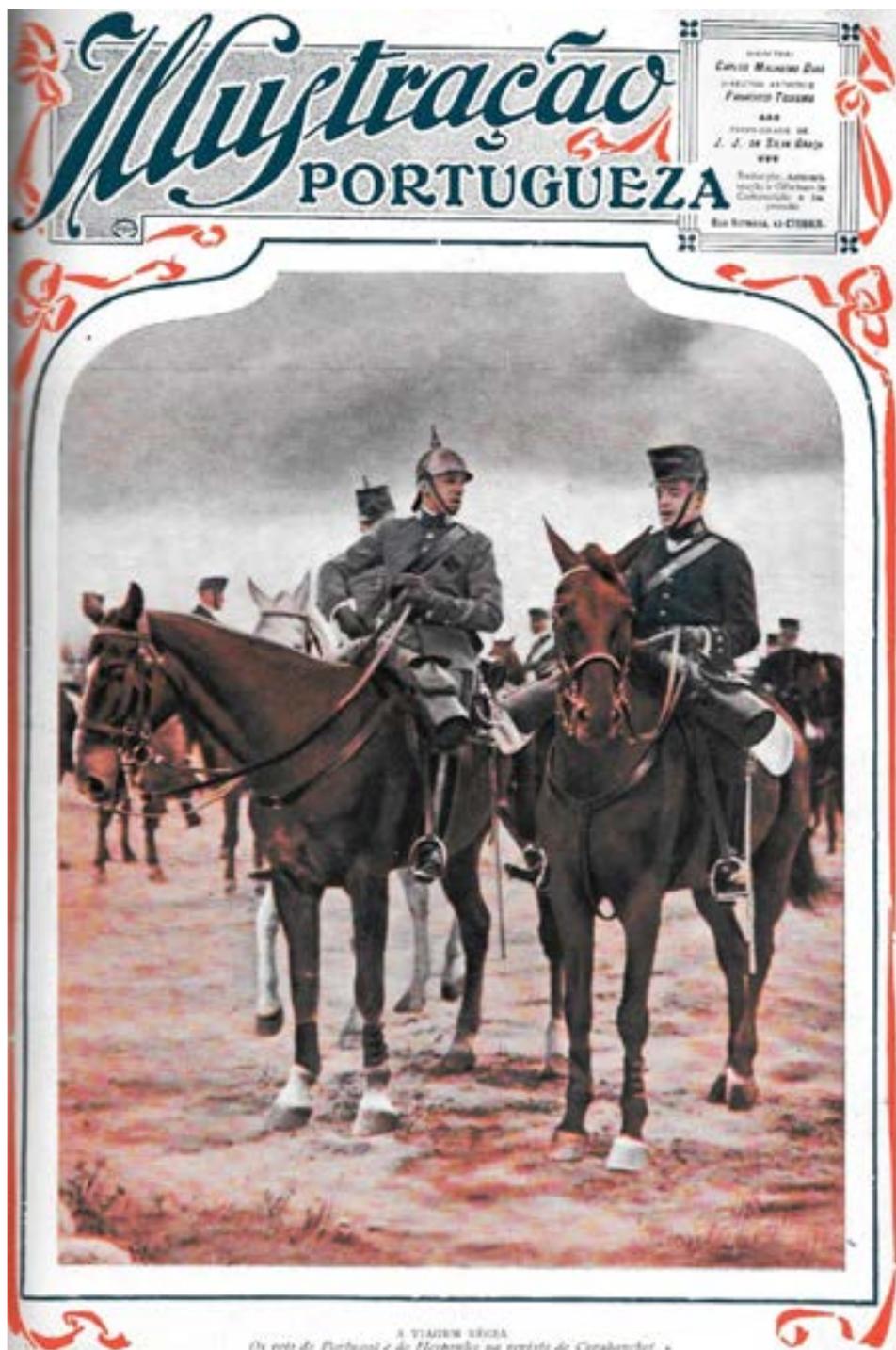
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 15 de novembro de 1909, p. 621.

Figura 4 – Aclamação popular aos reis de Espanha e de Portugal



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 15 de novembro de 1909, p. 622.

Figura 5 – Os soberanos de Portugal e Espanha na revista às tropas no campo de Carabanchel



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 22 de novembro de 1909, capa.

Figura 6 – Sequência da revista às tropas em Carabanchel





Figura 7 – Visita ao museu do Prado

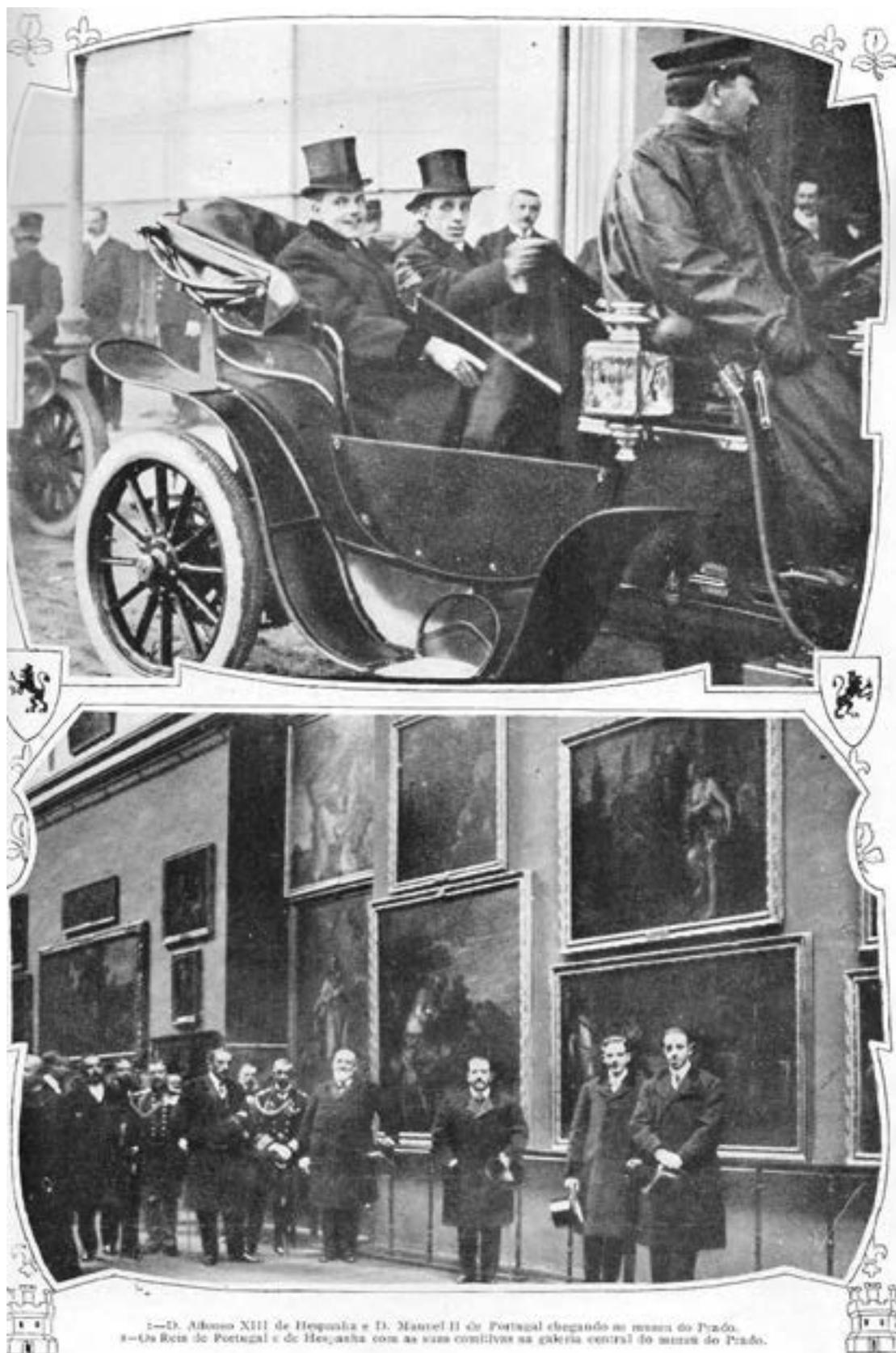
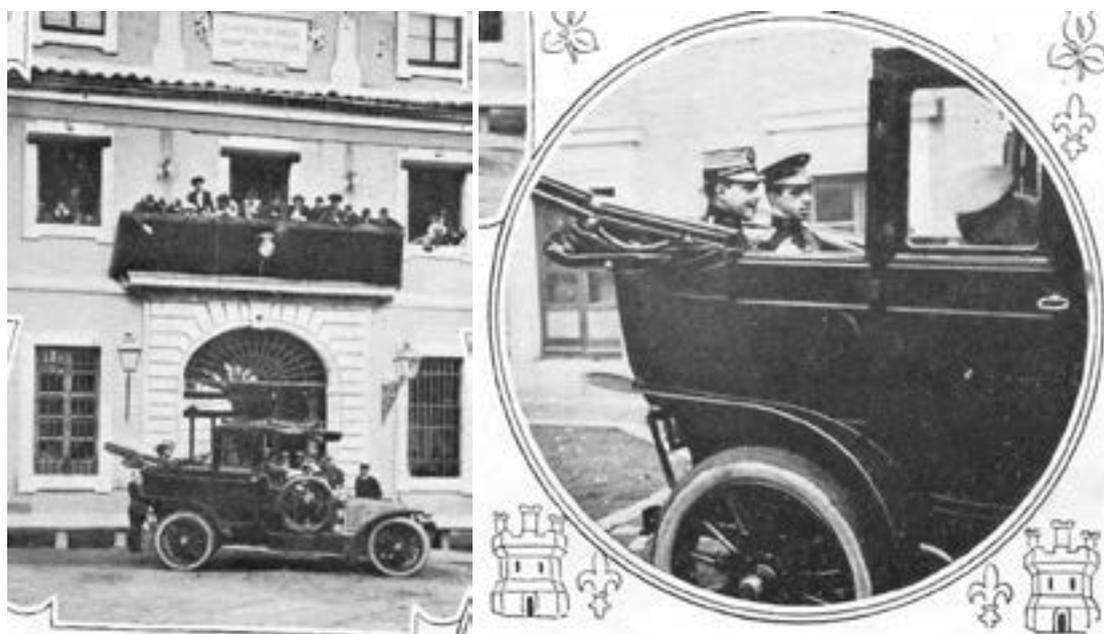


Figura 9 – Caçada na Casa de Campo



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 22 de novembro de 1909, p. 660, p. 661 e p. 662.

Figura 10 – Chegada de D. Manuel II e D. Alfonso XIII a Toledo



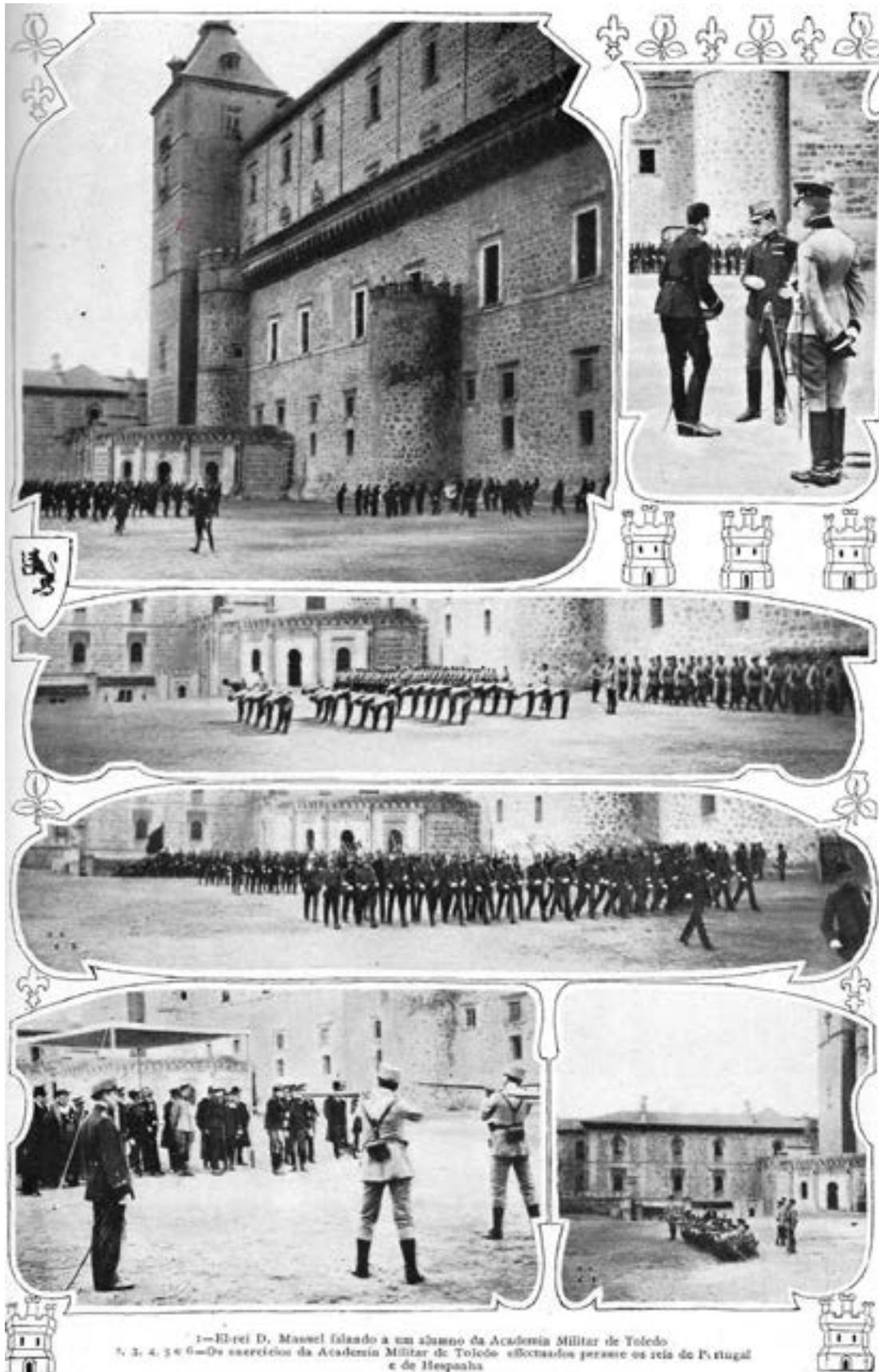
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 22 de novembro de 1909, p. 673.

Figura 11 – D. Manuel II cumprimenta docentes da Academia Militar de Toledo



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 29 de novembro de 1909, p. 680.

Figura 12 – Aspectos da visita real a Toledo



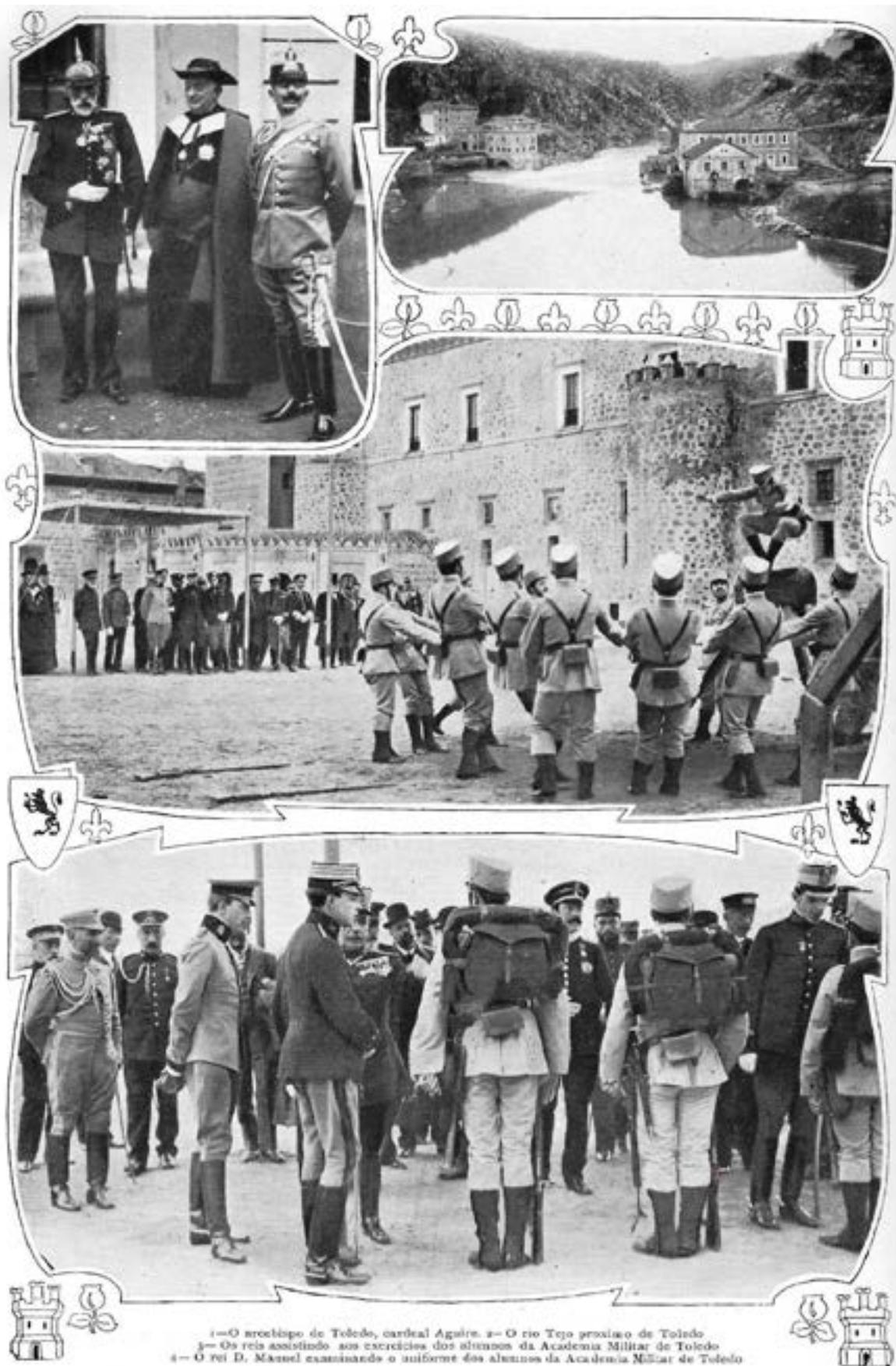


Figura 13 – Repórter cinematográfico



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 22 de novembro de 1909, p. 660.

Considerando, por outra parte, os elementos de geração fotográfica de sentido, conforme a proposta de Barthes (1961, 1964, 1966, 1992), e os níveis de análise de imagem sugeridos por Panovsky (1939, 1955) pode observar-se, genericamente, o seguinte:

a) quanto aos sujeitos centrais da narrativa, os soberanos ibéricos, há um esforço para os mostrar, alternadamente, quer em poses formais, acentuadas pelas roupas militares,²⁶ que sublinham a sua autoridade, o seu poder, a sua distância em relação às pessoas comuns, mesmo a encarnação dos respetivos estados nas suas pessoas reais, dos quais eram símbolos máximos (Figuras 1, 2, e 5, por exemplo), quer em poses descontraídas e roupas civis, que, inversa e paradoxalmente, os aproximam, simbolicamente, das pessoas comuns e lhes associam juventude, elegância e modernidade (Figuras 7 e 8, por exemplo);

b) quanto aos objetos presentes nas imagens, que contribuem para a pro-

dução de sentido, são de notar quer os símbolos de modernidade (comboio, automóvel, canhões recentes, roupas civis elegantes, roupas de caça – Figuras 1, 6, 9, por exemplo), quer os símbolos de tradição e poder (cavalos, uniformes militares – Figuras 1, 2, 5 e 6, por exemplo). Projetam, assim, da visita real de D. Manuel II a Madrid, uma visão que associa monarquia e modernidade, reforçada pela juventude dos dois soberanos ibéricos, valorizando, também, paradoxalmente, a estabilidade histórica e a força da tradição indissociáveis aos regimes monárquicos. Em outras imagens, são as paisagens e os exteriores e interiores dos edifícios a evidenciarem-se na narrativa (por exemplo, Figura 12)²⁷ e que, conforme já se assinalou, cumprem uma função contextual, apontando ao leitor diferentes espaços onde a ação narrada teve lugar e possibilitando-lhe um vislumbre de um mundo que, provavelmente, na sua maioria, não veriam em presença;

c) quanto à estética fotográfica, evidencia-se, na reportagem, a omnipresença

²⁶ As roupas, enquanto objetos, contribuem para a geração de sentido para a imagem fotográfica.

²⁷ Só foram consideradas nesta categoria as fotografias exclusivas de espaços físicos e não, por exemplo, fotografias de ações que, inevitavelmente, se produzem em um espaço físico que aparece representado nas fotos.

de planos gerais e de conjunto (todas as fotos), que resultam, em grande medida, dos constrangimentos tecnológicos das câmaras, objetivas e suportes de fixação de imagem, mas que também denunciam as *rotinas produtivas* que os fotojornalistas (no caso, Benoiel) desenvolviam para, expeditamente, cobrirem acontecimentos em evolução ou retratarem pessoas. O recurso a *planos gerais* (por exemplo, Figuras 3 e 4), mesmo que decorrente, em parte, da tecnologia usada, promove, por um lado, o afastamento simbólico do observador em relação à cena e sujeitos fotografados; por outro lado, faculta uma visualização contextual e espacial das cenas, recentrando a atenção do leitor não nos protagonistas da narrativa, mas no que os rodeia ou no que eles próprios observam ou ainda nos "figurantes" (o povo comum, nomeadamente). Os *planos de conjunto* (por exemplo, Figuras 1 e 2) aproximam, por sua vez, o leitor dos protagonistas e figurantes da narrativa iconográfica, mas sem que isso permita a invasão simbólica do seu espaço privado;

d) a fotogenia permitiu oferecer ao leitor *versões* controladas e positivas das cenas e dos sujeitos e expressou-se, principalmente, nos cuidados com a composição e com a iluminação, observáveis na generalidade das imagens, e nas roupas cuidadas e sofisticadas das pessoas reais (por exemplo, Figuras 5, 7 e 8);

e) quanto à sintaxe das imagens enquanto instrumento de produção de sentido, sublinha-se, ao longo de toda a narrativa, o esforço para respeitar uma sequência de fotografias lógica e, frequentemente, cronológica, por vezes instante a instante, que desse conta, de uma forma fácil e rapidamente apreensível, da evolução do acontecimento (particularmente observável nas sequências das Figuras 3 e 6), pontuada, no entanto, por momentos de pausa contextuais, materializados, nomeadamente, nos retratos, que permitiram a identificação dos protagonistas, for-

malmente ou em um contexto de intimidade, e nas fotografias do(s) espaço(s) da ação, que colocam em evidência este elemento estruturante de qualquer narrativa.

As primeiras fotografias relativas à visita a Madrid evocam a chegada do soberano português, depois de uma viagem longa de comboio (Figura 1), a recepção formal (Figura 2), no âmbito da qual se salientam, no centro da imagem, os dois soberanos em uniformes militares, o desfile até ao palácio real (Figura 3) e o povo madrileno que assistia ao desfile das tropas em parada na frente do palácio e acolhia os dois reis – de Portugal e de Espanha (Figura 4). São imagens que celebram a hospitaleira, ainda que protocolarmente militarizada, recepção a D. Manuel II, e que conotam, positivamente, a visita real com a amizade – quase a irmandade – entre Portugal e Espanha e entre os dois jovens soberanos peninsulares. As fotografias, mostrando e testemunhando as honras de Estado e reais conferidas ao monarca português por Espanha, trabalharam, simbolicamente, para o engrandecimento de D. Manuel II.

Pode identificar-se a fotografia colorizada – portanto, mais icónica e realista – dos dois soberanos a cavalo que surge na capa do número de 22 de novembro de 1909 da *Ilustração Portuguesa* como sendo a fotografia central da narrativa (Figura 5). Os dois soberanos, em uniforme militar, a cavalo, mas em uma pose descontraída, em amena conversa, marcam o tom da reportagem, da qual são protagonistas. A fotografia dá à cobertura um tom simultaneamente jovial e ameno, por um lado, e cerimonial, por outro, apontando não só para valores de amizade pessoal e consideração institucional entre os reis e de bom relacionamento entre os países ibéricos, mas também para a autoridade e tradição que emana do poder régio.

É notório, ao longo da narrativa, o esforço de Benoiel para multiplicar as perspetivas visuais da visita de estado de D. Manuel II a Espanha, produzindo uma reportagem que registasse, por vezes sequencialmente (por exemplo, Figuras 3 e 6), os seus diferentes momentos, sendo de relevar

a *facilidade de acesso* aos lugares e protagonistas que evidenciou (particularmente notório na Figura 8). Nas democracias liberais, o poder já não podia passar sem a publicitação controlada dos seus atos e a fotografia veiculada pela imprensa era, para este objetivo, um instrumento relevante.

Embora resulte da cobertura fotojornalística da visita de Estado de D. Manuel II a Espanha a ênfase nos seus aspetos militares (Figuras 6 e 12), que realçam o poder de Espanha – o que não deixa de ser significativo, dado que estava presente a ameaça de intervenção de Espanha em Portugal, a favor da monarquia, no caso de intentona republicana –, também são importantes os aspetos civis, nomeadamente a visita cultural ao museu do Prado (Figura 7), a recepção na embaixada de Portugal em Madrid (Figura 8) e a *sensacional* caçada na Casa de Campo (Figura 9), que propiciaram *oportunidades fotográficas* para captar os soberanos em momentos de descontração e de alegre entretenimento, como era próprio dos jovens das elites, que deveriam exibir não apenas amor às artes e à cultura mas também amor ao desporto. Um rei “moderno”, à época, tinham de ser *gentleman* e *sportsman*.

De notar, ainda, a capacidade denotada por Benoliel de transferir, momentaneamente, a narrativa centrada nos protagonistas e nos eventos centrais da visita real para personagens e assuntos colaterais que intensificam o *interesse humano* da fotorreportagem. Podem destacar-se, por exemplo, a fotografia dos batedores na caçada real (primeira imagem da Figura 9) e a fotografia do repórter cinematográfico (Figura 13), camarada de profissão de Benoliel.

Conforme se nota nas figuras selecionadas, quase todas as fotos, cujo formato varia para criar ritmo expressivo na paginação e, conseqüentemente, na leitura, evitando a monotonia e o aborrecimento do leitor, são rodeadas de molduras artísticas desenhadas, destinadas a promover, simbolicamente, a fotografia, mesmo quando usada com fins informativos e especificamente jornalísticos, à condição de arte.

A cultura coeva, definidora dos gostos dominantes e da maneira de olhar para o mundo

e para os outros, e as rotinas profissionais deram um determinado tom e ângulo à cobertura da visita de estado de D. Manuel II a Espanha. Hoje, possivelmente, a caçada não teria lugar em uma visita de Estado. Esta sublinharia, ademais, questões culturais e políticas, secundarizando aspetos militares, colocados em evidência em três momentos centrais da narrativa aqui analisada – a recepção de D. Manuel II, a revista militar em Carabanchel e a visita à Academia Militar e à fábrica de canhões de Toledo.

Conclusões

A narrativa da *Ilustração Portuguesa* sobre a visita de Estado de D. Manuel II a Espanha, por força da *ação pessoal* do fotojornalista Joshua Benoliel e das escolhas do editor (possivelmente Carlos Malheiro Dias), ofereceu ao leitor uma leitura cronológica do acontecimento, baseado, conforme se infere a um nível de interpretação primário, na documentação testemunhal fotográfica de instantes dos diversos eventos que o compuseram. Seria nessa leitura cronológica fotográfica e verbal do acontecimento que assentava, segundo se intui a um nível de interpretação iconológica, o conceito de “reportagem fotográfica” à época.

As fotos dominaram as páginas da *Ilustração Portuguesa* consagradas ao assunto, relegando o texto verbal para segundo plano. Várias fotografias, entre as quais algumas pontuadas por abordagens intimistas, valorizaram os jovens soberanos ibéricos, conotando-os, considerando um nível de interpretação iconográfico, como representantes de monarquias modernas, amigas e aliadas, que, não obstante, respeitavam as tradições e o cerimonial protocolar, o que traduz uma visão eminentemente burguesa e mesmo conservadora de olhar para o acontecimento. Junto com o texto verbal, valorativo, as fotografias trabalharam, simbolicamente, para a legitimação e manutenção do *statu quo*. Aponta, ainda, a narrativa, secundariamente, para o poder militar de Espanha – cuja intervenção em favor da Monarquia os republicanos receavam, no caso de imporem a República pela força em Portugal.

Por outro lado, o texto verbal e o texto ima-

gístico reforçaram-se, mutuamente, para gerar sentido, ainda que o redator tenha usado as palavras, em número reduzido, não só para descrever, verbalmente, as ações testemunhadas e documentadas fotograficamente, suprimindo, com informação verbal, as lacunas ontogénicas das fotografias no processo de geração de sentido, mas também para ir mais longe do que a iconografia deixava transparecer. Efetivamente, é de relevar o discurso metajornalístico, presumivelmente da autoria do próprio diretor/editor da revista, Carlos Malheiro Dias, que também compõe a narrativa e que terá tido intuítos que se aproximam de uma *atitude pedagógica* para com o público. Esse discurso é, por um lado, *autocrítico*, motivado pela reflexão sobre o papel da imprensa semanal quando comparada aos diários e sobre a exiguidade do espaço para a reportagem fotográfica; por outro lado, é *valorativo*, sendo constantemente destacado o trabalho diligente do primeiro fotojornalista português, Joshua Benoliel, enviado especial da *Ilustração Portuguesa*. Enaltecer o trabalho de Benoliel como "enviado especial" da *Ilustração Portuguesa*, louvava, igualmente, o desempenho da própria revista. É de realçar, neste contexto, que o fotojornalista português Joshua Benoliel viajou com o rei. Não era o fotógrafo "oficial" da família real, mas a sua presença permitiu não apenas documentar visualmente a visita de Estado a Espanha, mas também propagandear o novo e jovem rei D. Manuel II e a Monarquia Portuguesa. A Casa Real confiaria no poder da fotografia e nos bons ofícios dos fotógrafos não só para darem da visita de Estado uma perspectiva positiva como também para corresponderem, visualmente, à curiosidade do público.

A cobertura, sem prescindir da formalidade, seguiu um cânone cândido, descontraído e mesmo, em certos momentos, intimista. Benoliel podia aproximar-se dos monarcas e outros personagens e fotografá-los em ocasiões que, mesmo quando eram formais, pareciam informais e descontraídas. Havia cumplicidade – e confluência de interesses – entre os soberanos e políticos ou outros personagens dotados de

capital social e os fotojornalistas. Os primeiros, sobretudo os monarcas constitucionais, precisavam de publicitar os seus atos de poder pela imprensa, ao tempo o principal meio de difusão massiva de mensagens, legitimando-se e valorizando-se continuamente aos olhos dos cidadãos e defendendo, assim, no caso dos reis, a utilidade e relevância da Monarquia. Os segundos ambicionavam executar bem o seu trabalho, justificando o papel social e profissional que foram construindo. Quereriam, também, certamente, sobressair e promoverem-se entre os seus pares e perante o público, obtendo reconhecimento, por meio da produção de fotografias informativas exclusivas que não só testemunhassem os eventos que cobriam mas que também demonstrassem a sua competência enquanto fotógrafos, dando conta, nomeadamente, de um *olhar fotográfico* diferenciado e competente.

Finalmente, a narrativa, povoada, maioritariamente, por *fotografias de ação*, centrou-se na documentação testemunhal da sequência de ações do acontecimento, ainda que as personagens-chave e, portanto, mais noticiáveis do acontecimento – os soberanos ibéricos – e as restantes individualidades presentes, que acrescentavam importância simbólica à visita de Estado, tivessem sido retratadas.

Referências

- ARCARI, A. **A Fotografia**: as formas, os objectos, o homem. Lisboa: Edições 70, 2001.
- BARTHES, R. A mensagem fotográfica. In: BARTHES, R. (ed.). **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 1961. p. 13-25.
- BARTHES, R. La rhétorique de l'image. **Communications**. Recherches sémiologiques, [s. l.], v. 4, p. 40-51, 1964. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1964_num_4_1_1027. Acesso em: 1 out. 2023.
- BARTHES, R. Introduction à l'analyse structural des recits. **Communications**, [s. l.] v. 8, p. 1-27, 1996. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1964_num_4_1_1027. Acesso em: 1 out. 2023.
- BARTHES, R. **L'obvie et l'obtus**. Paris: Minuit, 1992.
- ENTMAN, R. M.; MATTHES, J.; PELLICANO, L. Nature, sources, and effects of news framing. In: WAHL-JORGENSEN, K.; HANITZSCH, T. (ed.). **The handbook of journalism studies**. Londres: Routledge, 2009. p. 175-190.

FERNANDES, L. R. R. **Maçonaria e implantação da República**. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Portugueses) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/2811>. Acesso em: 5 out. 2023.

FILHO, A. G. **O segredo da pirâmide**. Para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

FOWLER, R. **Language in the News**. 3. ed. Londres: Routledge, 1994.

GALTUNG, J.; RUGE, M. H. The structure of foreign news. The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. **Journal of Peace Research**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 64-90, 1965. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F002234336500200104>. Acesso em: 20 out. 2023.

GAMSON, W. News as framing. **American Behavioural Scientist**, [s. l.], v. 33, n. 2, p. 157-161, 1989.

GAMSON, W. A.; MODIGLIANI, A. The changing culture of affirmative action. In: BRAUNGART, R. (ed.). **Research in political sociology**. Nova Iorque: JAY Press, 1987. v. III, p. 137-177.

GITLIN, T. **The whole world is watching**. [S. l.]: University of California Press, 1980.

GOFFMAN, E. **Frame analysis: An essay on the organization of experience**. Cambridge: Harvard University Press, 1974.

GOLDING P.; ELLIOTT, P. News values and news production. In: MARRIS, P.; THORNHAM, S. (ed.). **Media studies: a reader**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1988. p. 635-647.

LIMA, H. **A Imprensa Portuense e os Desafios da Modernização**. Lisboa: Livros Horizonte: Centro de Investigação Media e Jornalismo, 2012.

LIMA, H. Continuidade e inovação na imprensa portuguesa de finais do século XIX: a emergência do jornalismo noticioso. In: CABRERA, A.; LIMA, H. (coord.). **Imprensa em Portugal: uma história**. Lisboa: Livros ICNOVA, 2022. p. 168-187. Disponível em: <https://co-lecaoicnova.fcsh.unl.pt/index.php/icnova/article/view/113>. Acesso em: 25 set. 2023.

MARQUES, A. H. O. **História de Portugal**. Lisboa: Ágora, 1973. v. III.

MARQUES, A. H. O. **Breve história de Portugal**. Barbacena: Presença, 1995.

MATOS, Á. C. A Imprensa na I República Portuguesa: constantes e linhas de força (1910-1926). In: SOUSA, J. P.; LIMA, H.; HOHLFELDT, A.; BARBOSA, M. (ed.). **Uma História da Imprensa Lusófona**. Portugal. Porto: Media XXI, 2017. v. II, p. 233-312.

MATOS, Á. C.; MOREIRA, N. B. A Imprensa Periódica na I República Portuguesa (1910-1926): novos contributos para a sua história. In: CABRERA, A.; LIMA, H. (coord.). **Imprensa em Portugal: uma história**. Lisboa: Livros ICNOVA, 2022. p. 188-270. Disponível em: <https://co-lecaoicnova.fcsh.unl.pt/index.php/icnova/article/view/114/123>. Acesso em: 10 set. 2023.

NORA, P. O regresso do acontecimento. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (org.). **Fazer história**. Lisboa: Bertrand, 1977. v. I, p. 243-262.

NUNES, T. Alfonso XIII em Portugal (12 a 15 de fevereiro). A visita real a Vila Viçosa e o seu impacto. **Revista de Estudos Extremeños**, [s. l.], v. LXII, n. 3, p. 1059-1082, 2006. Disponível em: <https://bityli.com/KTCvMxXY>. Acesso em: 15 set. 2023.

NUNES, T. **Carlos Malheiro Dias**. Um monárquico entre dois regimes. Lisboa: Caleidoscópio, 2009.

NUNES, T. Alfonso XIII e Manuel II: as duas faces da mesma moeda no discurso republicano português (1908-1910). **Pasado y Memoria**. Revista de Historia Contemporânea, [s. l.], v. 18, p. 87-111, 2019a. Disponível em: <https://doi.org/10.14198/PASADO2019.18.05>. Acesso em: 12 set. 2023.

NUNES, T. Representações da Monarquia Constitucional no espaço público português (1880-1910). **História Constitucional**, [s. l.], v. 20, p. 141-170, 2019b. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17811/hc.voi20.591>. Acesso em: 12 set. 2023.

OLIVEIRA, G. B. V. Flashes do passado: o fotojornalismo como fonte histórica. **Revista Eletrónica de História do Brasil**, [s. l.], v. 1, n. 2, 1997.

ORGAD, S. **Media representation and global imagination**. Cambridge: Polity Press, 2012.

PANOFSKY, E. **Studies in iconology**. New York: Oxford University Press, 1939.

PANOFSKY, E. **Meaning in the Visual Arts**. Papers in and on Art History. New York: Doubleday, 1955.

PICADO, B. Ação, instante e aspectualidade da representação visual: narrativa e discurso visual no fotojornalismo. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 39, p. 35-41, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2009.39.5839>. Acesso em: 15 set. 2023.

PROENÇA, C.; MANIQUE, A. P. **Ilustração Portuguesa**. Lisboa: Alfa, 1990.

RAMOS, R. A segunda fundação. In: MATTOSO, José (dir.). **História de Portugal**. Lisboa: Estampa, 2001. v. 6.

RAMOS, R. (coord.); SOUSA, B. V.; MONTEIRO, N. G. **História de Portugal**. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009.

RODRIGUES, A. D. O acontecimento. **Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa, v. 8, p. 9-16, 1988.

SARDICA, J. M. **Da Monarquia à República**. Lisboa: Alêtheia Editores, 2011.

SARDICA, J. M. O poder visível: D. Carlos, a imprensa e a opinião pública no final da Monarquia Constitucional. **Análise Social**, [s. l.], v. XLVII-2, n. 203, p. 344-368, 2012. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1341933211N8jUA9pk3Cj10SO1.pdf>. Acesso em: 18 set. 2023.

SCHEUFELE, B. Content analysis, qualitative. In: W. DONSBACH (ed.). **The international encyclopedia of communication**. Nova Jersey: Blackwell Publishing, 2008a. v. III, p. 967-972.

SCHEUFELE, B. Content analysis, quantitative. *In: W. DONSBACH (ed.). The international encyclopedia of communication*. Nova Jersey: Blackwell Publishing, 2008b. v. III. p. 972-978.

SERÉN, M. C. Ilustração Portuguesa. *In: Ilustração Portuguesa*. Lisboa: Centro Português de Fotografia/Ministério da Cultura, 2004. p. 68-119.

SERRÃO, J. V. **História de Portugal**. Lisboa: Verbo, 2003. v. XI.

SOUSA, J. P. **Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas: Argos: UNOESC, 2000.

SOUSA, J. P. **Veja! Nas Origens do Jornalismo Iconográfico em Portugal**: um contributo para uma história das revistas ilustradas portuguesas (1835-1914). Porto: Media XXI, 2017.

SOUSA, J. P. **Para uma história do jornalismo iconográfico em Portugal**: das origens a 1926. Lisboa: Livros ICNOVA, 2020.

SOUSA, J. P. **Portugal, pequena história de um grande jornalismo I**: da manufatura à indústria. Lisboa: Livros ICNOVA, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34619/hyc1-qblv>. Acesso em: 18 set. 2023.

SOUSA, J. P.; GUIMARÃES-GUEDES, D. Visita de estado de D. Manuel II a França: o discurso da Ilustração Portuguesa. **Revista Brasileira de História da Mídia**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 45-71, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.1212023>. Acesso em: 18 nov. 2023.

TRAQUINA, N. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera Editores, 2002.

VIEIRA, J. **Joshua Benoliel**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2009.

WIMMER, R. D.; DOMINICK, J. R. **La investigación científica de los medios de comunicación**. Una introducción a sus métodos. Barcelona: Bosch, 1996.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Barcarena: Pre-sença, 1987.

Denise Guimarães Guedes

Doutora em Comunicação no PPG-COM/Unesp, com bolsa CAPES de doutorado sanduiche na Universidade Fernando Pessoa, em Portugal. Mestre em Design pela Unesp; bacharel em Desenho Industrial - Programação Visual. Atua como repórter-fotográfica na Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil.

Endereços para correspondência

Jorge Pedro Sousa

Universidade Fernando Pessoa

Praça 9 de Abril, 349

4249-004

Porto, Portugal

Denise Guimarães Guedes

Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

Av. Eng. Luís Edmundo Carrijo Coube, 14-01

Vargem Limpa, 17033-360

Bauru, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.

Jorge Pedro Sousa

Doutor em Jornalismo pela Universidade de Santiago de Compostela, Espanha; onde também realizou o seu pós-doutoramento. Licenciado em Comunicação Social - Jornalismo pela Escola Superior de Jornalismo do Porto, no Porto, Portugal. Agregou-se (equivalente a livre-docência) em Ciências da Comunicação - Jornalismo na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Docente na Universidade Fernando Pessoa, no Porto, Portugal. Investigador integrado do ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA.